



# TURISMO E CULTURA

**DESTINOS E COMPETITIVIDADE**

FERNANDA CRAVIDÃO  
NORBERTO SANTOS  
COORDENAÇÃO

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

## NOTA INTRODUTÓRIA

Durante o século XX as dinâmicas apresentadas pelo turismo não tem praticamente paralelo com outras atividades quer seja ao nível económico, quer social ou cultural. Porém, é a partir dos anos 60 do século passado que o turismo se consolida e diversifica, abrangendo progressivamente mais territórios e cativando mais população para participar nos fluxos e fazer uso dos destinos enquanto turistas, sempre mais longe, mais exótico, mais raro, mais exclusivo, mais sofisticado. Neste contexto, o turismo torna-se num verdadeiro campo de investigação interdisciplinar onde a geografia, a sociologia, a história, a economia assumem um papel fundamental. Integra, cada vez mais, uma interpretação com dimensões holísticas que continua a encontrar novos campos de intervenção, inovando, diversificando, patrimonializando e aproveitando recursos que passam a ser parte integrante dos processos de desenvolvimento local e regional.

Na verdade, o setor do turismo constitui-se, no século XXI, como um conjunto de serviços/indústria que se apresenta com características multidimensionais, multifacetadas e hiperfuncionais, o que explica as dualidades e ambiguidades envolvidas na sua perceção e representação. Assim, um dos problemas subjacentes aos estudos de turismo estriba-se no seu célere crescimento e desenvolvimento. De acordo com os dados estatísticos da Organização Mundial do Turismo (2012) o turismo internacional em termos mundiais continua a registar um crescimento permanente e gradual, verificando-se um total de 530 milhões de turistas internacionais em 1995 e 1035 milhões em 2012.

Taleb Rifai, Secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), realça, que mesmo a instabilidade socioeconómica de 2012, mundial, mas

com especialmente impacto na Europa, não originou decréscimo de turistas ou de representatividade de receitas no PIB dos países. Comprova-se, deste modo, que o setor patenteou uma capacidade de adaptação às condições de mudança do mercado, devendo ser encarado, como refere a OMT, como um sustentáculo de empreendedorismo e uma solução para estimular o crescimento económico. O turismo resulta, de fato, do aproveitamento por parte dos *stakeholders* dos novos valores e tempos sociais, da conjugação de fatores que contribuem para o acréscimo de mobilidade espacial, do acesso a mais informação e formação pessoal, da vontade de divertimento e desenvolvimento ao longo da vida.

As práticas de fruição dos tempos livres têm-se diversificado, quer em relação aos tempos, quer em relação aos modos e também em relação aos territórios que os enquadram. Hoje, o lugar e a sua singularidade estão cada vez mais presentes na procura turística. Estes modos de “fazer” turismo apelam a experiências, a uma atracção que remete para a memória, a uma identidade social e territorial. Os sítios, os lugares, os territórios, adquirem novas dimensões, simbólicas e imagéticas, por um lado, mas também de proximidade, proteção e afetivas, por outro lado. Ao turismo de massas justapõe-se um turismo de nicho, alternativo e muito orientado para públicos segmentados e mesmo de elevado nível de personalização. Este tipo de oferta de turismo e lazer permite um ajustamento capaz de valorizar interesses especiais e dar ênfase à autenticidade valorizando como principais segmentos de desenvolvimento dos turismos de nicho a cultura, o ambiente, o rural e o urbano, que serão expressão central nas temáticas desenvolvidas nesta obra sobre Turismo e Cultura. Estas são, na verdade, formas de relação entre oferta e procura turísticas assentes na ideia de que para além do turismo massificado (o velho turismo) se pode identificar um novo turismo. À representação estandardizada, de pacotes rígidos e abrangência mesclada de públicos, porque indiferenciados, aculturais e pouco envolvidos ambientalmente, sobrepõe-se uma outra personalizada, participativa, dependente da vontade expressa do consumidor turista, especialmente envolvido cultural e ambientalmente, flexível e tecnologicamente experiente.

O Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) assume-se como elemento diretor das intervenções para o desenvolvimento do Turismo em Portugal, no horizonte temporal até 2015. Através da valorização da qualidade, da geração da competitividade e da promoção da sustentabilidade como modelo de desenvolvimento, procura-se que a oferta do turismo nacional potencie a vocação natural de cada destino; melhore a qualidade urbana, ambiental e paisagística do território; desenvolva a participação e crie experiências distintas e inovadoras; incremente a animação cultural, desportiva ou lúdica, reforçando a imagem de marca do destino e a segmentação da clientela; qualifique e especialize continuamente os recursos humanos envolvidos; integre conhecimento que permita qualidade do serviço, inovação e reforço da competitividade empresarial do setor.

Neste contexto, as ligações entre o turismo e os territórios são particularmente importantes no encadeamento das práticas turístico/culturais na sociedade contemporânea. É neste sentido que as novas cumplicidades entre o turista/visitante e o lugar representam, para a sociedade contemporânea, por um lado, um elo entre a tradição e a modernidade, por isso uma ligação em construção permanente, e, por outro, um desafio permanente onde se cruzam os destinos com a competitividade, o posicionamento e o *marketing*.

Se bem que expressão, nesse tempo, de outros modos muito menos concorrenciais e competitivos e muito mais elitistas e diferenciadores de classe, estas são ligações antigas. Quando os filhos da burguesia inglesa, no final da sua formação académica, realizavam a *viagem*, o “tour” que os levava a conhecer os lugares das civilizações clássicas ou as grandes referências culturais de então, como Praga ou Paris, eram os territórios que procuravam. Estes espaços retratavam as relações com a sociedade, com a cultura e com a vida quotidiana, assumindo-se, por isso, como territórios onde o material e o intangível se cruzam, criam e recriam, completando-se, opondo-se, mas sempre compondo uma identidade e uma singularidade motivadora, tanto ontem como hoje, da visita ao destino e da viagem que leva o turista até ele.

A importância do território, e por esta via dos lugares, vai-se tornando progressivamente mais competitiva. A sociedade vai adquirindo novas

dinâmicas e também, por isso, o perfil do turista se altera. Esta alteração tem ritmos diferentes. No início do século XX, modifica-se lentamente. Se em meados do mesmo século passado adquire novas dinâmicas são sobretudo dinâmicas diferenciadas. O planeta não está (ainda) exposto do mesmo modo ao novo fenómeno que cada vez mais se reestrutura, diversifica e consolida, ao qual o território responde também de modo cada vez mais diferenciador e inovador. Isto é, os territórios têm a capacidade de responder, de modo cada vez mais rápido, às novas procuras, dando ao turista a possibilidade de experiências novas, a todo o momento.

O livro que agora se apresenta e que tem como título *Turismo e Cultura* pretende, através das várias colaborações trazer ao leitor as novas relações entre turismo e território, onde a competitividade, a viagem, a cultura, o espaço rural, o desporto ou a natureza constituem valências de um fenómeno cada vez mais disseminado e complexo. Estruturado em seis capítulos e com dezanove colaborações, todas por convite, revela a grande diversidade de temas que hoje integram a investigação; mostra com os “velhos” destinos podem e devem ser reinventados para novos perfis de turistas tornando-se um campo aberto à inovação e criatividade; retrata como o património material, imaterial e natural podem ser fruídos constituindo-se recursos, atrações e produtos num processo de interações que releva a importância do sistema turístico no planeamento, no ordenamento e no desenvolvimento dos lugares.

A obra *Turismo e Cultura: Destinos e Competitividade* permite reunir contributos de autores de referência nos estudos de Turismo e da Cultura, em Portugal. Juntou-se ao projeto eminente autor internacional, David Crouch, que há longos anos se debruça sobre estas temáticas. O capítulo que integra este livro, *The culture of leisure and tourism: Engaging space and sustainability*, servindo de pedra de toque ao projeto, evidencia as complexidades que se arquetam em torno da cultura, do turismo e do lazer, defendendo que o turismo só pode ser cultural. David Crouch defende que é preciso modificar o entendimento que temos das relações entre cultura, turismo e lazer. Na sua interpretação, o carácter limitador que as envolve é responsável por uma reconceptualização tardia, que se impõe imediata.

O livro organiza-se, depois em seis partes: Destinos e Competitividade; Viagens; Turismo, Cultura e Cidade; Turismo e Espaço Rural; Turismo e Desporto e Turismo e Natureza, salientando o caso das Ilhas Atlânticas Portuguesas.

Na Primeira Parte, Destinos e Competitividade, discutem-se temáticas atuais e importantes, quer para o turismo mundial, quer para o turismo nacional. Jorge Umbelino sublinha o impacto dos ciclos económicos no turismo e aborda a questão referindo-se a episódios negativos como o 11 de Setembro de 2001, a SARS, em 2003 e o Tsunami, em 2004. Tentando efetuar uma análise integrada dos acontecimentos, valoriza a extensão espacial e temporal dos impactos no capítulo *Crises próprias e crises alheias: Análise de impactos na oferta turística*, salientando que aquilo que corre mal, num qualquer território, pode ter reflexos positivos na socioeconomia, neste caso a associada ao turismo, noutra parte do mundo. Por seu lado, Jorge Marques e Norberto Santos debruçam-se sobre as questões associadas ao turismo de negócios e à gestão territorial das ofertas de lazer, salientando o papel do *Convention & Visitors Bureau*. No capítulo O Centro Litoral de Portugal como destino de turismo de negócios. Análise à oferta de alojamento e de espaços para reuniões apontam a importância da criação de uma organização de gestão de destinos no território abrangido pela área de influência de Coimbra, Aveiro e Viseu, salientando a importância desta tipologia de turismo na qualificação do turismo na região. O último capítulo desta Parte I debruça-se, mais uma vez, sobre o território. *Turismo, precariedade territorial e dinâmicas de desterritorialização* dá ênfase a situações relacionadas com a apropriação externa de recursos, as limitações de acesso a espaços de vida quotidiana ou com a privatização dos solos. Ainda assim, valorizam-se assume-se que o turismo é parte de um sistema que amplia as opções de desenvolvimento.

A Parte II deste livro tem como tema central *a viagem*. Os quatro capítulos contam outras tantas histórias de territórios de viagem diversificados com metodologias muito diversas. Carminda Cavaco oferece-nos uma conjugação deliciosa entre um turismo de memória e a recriação contemporânea de espaços de turismo e lazer, disponíveis, em tempos históricos passados às classes mais abastadas. No capítulo *Resiliência dos destinos*

*turísticos das praias frias: do Canal da Mancha ao golfo da Finlândia*, é-nos dada uma leitura que se transforma numa atração pelas praias frias do norte da Europa (Báltico), dos seus patrimónios e das suas histórias e paisagens. São propostos novos usos da praia, como os desportos aquáticos e na areia, a ginástica, o teatro, as danças, as festas noturnas, para todas as idades. No capítulo seguinte, Eduardo Brito-Henriques leva-nos até África através do olhar de uma das editoras portuguesas de referência no mundo do turismo, a *Blue Travel*. Dá-se especial expressão à captação de imagem e ao consumo visual. Trata-se de uma abordagem entre o turismo e os estudos culturais porque valoriza a análise semiótica de produtos iconográficos enquanto enquadramento do imaginário de viagem e imagens dos destinos a visitar. Em *Africa viewed through the lens of 'blue travel': Visual tourism and colonial imagery*, a África Subsariana é interpretada como lugar de imaginário turístico pós-colonial. O capítulo seguinte transporta-nos até Goa. João Sarmiento propõe rotas turísticas associadas ao património português com o título *Tourism routes: material heritage of Portuguese origin in Morocco and Goa*. Partindo da configuração espacial das rotas, construídas com base na literatura e em observações empíricas, projeta-se o produto associado ao património militar português no norte de África, Marrocos, mas especialmente na Índia Portuguesa. Esta leitura é efetuada sem descurar outros aspetos culturais importantes desses países de natureza colonial, sendo fundamental valorizar um *crosselling* de produtos turísticos para valorizar a atração dos lugares. A Parte II é concluída com o capítulo *Portugal de lés a lés: os itinerários nos livros de viagens britânicos entre 1950 e 2000*, de Valentino Alves e Rui Gomes. Neste texto o turismo é assumido como um fenómeno social multidimensional servindo os livros de viagens como elementos estruturantes da experiência turística, tornando-se mediadores e invocadores da identidade do local na construção da representação de determinado destino turístico. Os livros de viagens britânicos editados na 2ª metade do século XX permitem recriar os itinerários e construir uma representação da viagem a Portugal, depois da II Grande Guerra. Esta leitura permite identificar tanto os itinerários escolhidos como os discursos turísticos e políticos que os promovem.

A Parte III integra quatro capítulos que se debruçam sobre a temática do turismo cultural urbano. Também aqui a diversidade de destinos está presente, assim como as abordagens metodológicas e temáticas centrais de desenvolvimento. Da cidade universitária de Coimbra, ao turismo enquanto projeto educativo, na Figueira da Foz; da recriação histórica em Santa Maria da Feira, ao centro histórico de Salvador da Baía, o Pelourinho; somos confrontados com um conjunto de análises que evidenciam a forma como o território está impregnado de história e estórias e consegue, dessa forma, ser expressão identitária de qualquer destino turístico. Carlos Fortuna e Carina Gomes oferecem-nos a leitura do *Turismo, cidade e universidade: O caso de Coimbra*. A organização e utilização dos patrimónios, enquanto instrumentos participativos de estratégias turísticas, com expressão tangível e intangível, e capazes de serem atrações são elementos valorizados no capítulo. Nesse sentido é efetuada uma abordagem, baseada em políticas de pendor técnico (hotelaria, rotas e equipamentos culturais) e sociopolítico (estratégia de comunicação e oferta integrada). No capítulo *As recriações históricas em Portugal – perspetivas e impatos*, discute-se a temática dos eventos históricos enquanto elemento de identidade e *marketing* e a sua expressão territorial. Roberto Reis usa Santa Maria da Feira como estudo de caso e mostra como as recriações históricas podem dar competitividade aos destinos turísticos. Valorizando a *Living History* e o *Reenactment*, explora como as dinâmicas turísticas contribuem para a recuperação urbana, com especial acuidade no Centro Histórico e no Vale do Rio Cáster. Gabrielle Ciffelli e Paulo Peixoto valorizam também a importância da cidade e do seu centro histórico. Em *Contradictory aspects of tourism in historic centres: Pelourinho revisited*, sublinha-se a importância da intervenção urbana em centros históricos como elementos de planeamento urbano na contemporaneidade. Utilizando o *Plano de Ação Integrada do Centro Histórico de Salvador* é atestada a importância da relação entre desenvolvimento local e preservação patrimonial. O último capítulo desta Parte III, *O turismo entendido como vetor estratégico em projetos educativos municipais promotores de desenvolvimento sustentado. Reflexões a propósito do caso da Figueira da Foz*, procura articular políticas e práticas comunitárias e empresariais com projetos educativos formais,

no pressuposto do desenvolvimento económico, social e cultural. Luís Alcoforado, A.M. Rochette Cordeiro & António Gomes Ferreira defendem a assunção do turismo como vetor estratégico para o que se torna necessário uma maleabilidade das ofertas formativas, com possibilidades de investimento tanto público quanto privado.

Turismo e Espaço rural constituem os temas centrais da parte IV da obra. Trata-se de um conjunto de três textos que retratam a investigação sobre temas que tem como território de referência o espaço rural em Portugal. O progressivo despovoamento de muitas regiões do país que tinha na agricultura tradicional a sua fonte de rendimento têm gerado alterações nas paisagens rurais, tem proporcionado uma diversa reflexão sobre o futuro destas áreas, e tem promovido com níveis de sucesso diversificados novas formas de utilizar e fruir estes territórios, quase sempre de baixas densidades, dando-lhe novas funções, outros protagonistas. Elisabeth Kastenzholz traz-nos um trabalho no âmbito de uma investigação a ser realizada e Portugal debruçando-se sobre três aldeias: Favaios (Região Norte), Janeiro de Cima e Linhares da Beira (Região Centro). Neste projeto pretende-se conhecer os modos de integração dos turistas no designado turismo rural. Que tipo de experiências? As motivações, as emoções e como as vivem posteriormente? Os três lugares de estudo beneficiaram de investimento público no contexto de políticas de preservação patrimonial. Este texto apresenta os primeiros resultados dessa Investigação interdisciplinar onde a ruralidade e a imagem idílica, parecem constituir fatores de atração. O texto apresentado por Orlando Simões e Vivina Almeida Guerra, *Processos de patrimonialização em contexto rural: O caso de Póvoa Dão*, é disso um exemplo. Inserido no distrito de Viseu num território de onde há muito as populações partiram, este projeto de desenvolvimento turístico obriga a reflexões de natureza vária onde a questão da patrimonialização e da identidade dos lugares é trazida pelos autores. Trata-se de uma propriedade com cerca de 120 hectares que na década de 90 do século passado foi adquirida para turismo rural/turismo de aldeia. A questão central colocada pelos autores é “até que ponto poderemos considerar o projeto *Póvoa Dão* como um processo de *patrimonialização* em contexto rural?” A resposta é dada pela investigação produzida e as conclusões

parecem denunciar um impacto positivo local, ainda que as instituições locais convirjam no que podia ser um melhor aproveitamento dos recursos turísticos nesta região do país. Zília Tovar e Paulo Carvalho apresentam ao leitor um texto onde refletem a propósito dos *Percursos pedestres e turismo de passeio Pedestre em Portugal*. Não se tratando propriamente de um novo recurso é seguramente um produto novo em fase de expansão em Portugal. Tal como os autores referem “os produtos de turismo de passeio pedestre podem assumir diferentes configurações... Os destinos são, de igual modo, diversificados. Encontram-se programas para os quatro cantos do mundo. Os destinos de montanha como os Alpes, os Pirenéus, os Picos da Europa, os Atlas, os Himalaias ou os Andes são destinos de eleição para este tipo de produto turístico”. Em relação a Portugal fazem um levantamento dos principais percursos homologados e mostram que no território continental os mais relevantes se situam em áreas de grande interesse natural, frequentemente classificadas, em cuja organização estão operadores nacionais e internacionais.

A Parte V deste livro tem como tema aglutinador o Turismo e o Desporto. Não sendo uma área completamente nova na investigação de turismo/lazer, tem-se vindo progressivamente a consolidar sobretudo através de novos produtos ou então da sua reformulação, quer através ofertas mais diversificadas, como de outras complementares.

Dimitra Lykoudi e Georgia Zouni apresentam-nos um texto a propósito da perceção do impacto nas populações locais durante a realização de grandes eventos, estudando o caso particular dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004). Trata-se de um estudo com incidência particular nos residentes que hospedam visitantes. Depois de fazerem um breve percurso pela bibliografia que tem tratado estes temas, e pela metodologia que utilizaram, as autoras apresentam alguns dos resultados de onde se releva que comunidades com características demográficas diferentes têm diferentes perceções do impacto dos jogos olímpicos realizados em Atenas, em 2004, e que de um modo geral consideram que o impacto foi positivo. O segundo texto desta Parte V é da autoria de Nuno Gustavo e intitula-se *O Golfe-Lazer, Turismo e Sustentabilidade. Reflexões sobre o caso português*. Depois de fazer um breve percurso pela história da prática do golfe,

quer na Europa quer nos países de colonização europeia, sendo hoje “uma prática desportiva e de lazer global”, o autor apresenta um conjunto significativo de dados de natureza vária onde mostra a importância económica do Golfe devido ao crescimento que tem apresentado, sobretudo desde meados da década de 80, na Europa. Portugal assume, na expressão de Nuno Gustavo um desequilíbrio quase crónico entre a oferta e a procura e tem-se tornado particularmente relevante nos últimos anos, levando a uma descida acentuada do preço do *green fee*. Por outro lado, o estudo desenvolvido revela que a prática de golfe em Portugal é um fenómeno quase de natureza turística, praticado por residentes em países como o Reino Unido ou Escandinávia. No entender deste investigador é necessário encontrar um conjunto de estratégias que permitam que o golfe se constitua como uma prática de lazer por excelência, centrada num plano promocional regular e não apenas por ações pontuais de mediatismo internacional. Paulo Nunes oferece-nos um texto que intitulou: *O Turismo desportivo - a emergência de um produto turístico de mercado global, paradoxo ou realidade*. Este artigo começa por fazer um breve percurso através da história do turismo/desporto para se centrar no caso português. A sua reflexão vai no sentido de dar expressão à relevância do desporto ancorado no processo olímpico e nas políticas desportivas europeias. É salientada a importância do desporto enquanto recurso capaz de criar um produto turístico de grande atratividade e promotor do desenvolvimento regional expresso na emergência de um produto turístico com uma estrutura que lhe permite estar facilmente no mercado global. São ainda apresentadas as fortes relações entre turismo e desporto, tanto enquanto espetáculo como evento competitivo. A última Parte deste livro trata do Turismo Natureza: dois exemplos nas Ilhas atlânticas. O primeiro texto da autoria de Daniel Neves, Lúcio Cunha e José Manuel Mendes tem como território de referência a Madeira e intitula-se *Turismo natureza e riscos na ilha da madeira avaliação, percepção, estratégias de planeamento e prevenção*. Os autores começam por fazer uma breve apresentação das práticas de atividades de ar livre e do perfil do turista/visitante que as pratica, chamando a atenção para as mudanças operadas nos últimos anos e no significado cada vez maior que a segurança, em sentido lato, vem a

assumindo. Tratando-se, neste caso, de práticas em territórios onde o *risco* é frequente, é também, este risco que faz apelo a um acréscimo cada vez maior de praticantes. Trata-se como afirmam os autores de *riscos calculados* e quase sempre geridos por profissionais de tal modo que não parece haver relação direta entre ocorrências graves o grau de risco das diversas atividades. No caso da Ilha da Madeira os autores fazem uma exaustiva lista dos diferentes tipos de ocorrências sugerindo algumas medidas que possam mitigar os danos causados, pois “de acordo com os princípios do Código Mundial de Ética do Turismo, as autoridades públicas têm por missão assegurar a proteção dos turistas e dos seus bens”. O último texto deste livro, da autoria Lúcio Cunha e Rui Jacinto, tem como título *Turismo e desenvolvimento dos territórios Insulares. Apontamentos para uma geografia do turismo de Cabo Verde*. L. Cunha e R. Jacinto propõem-nos, num primeiro momento, um conjunto de considerações a propósito da emergência e consolidação de Cabo Verde como destino turístico. Desde as condições naturais, às questões de natureza cultural ligadas a um percurso histórico/social singular, até à insularidade que confere a estes territórios imagens e simbolismos hoje presentes nos mapas mentais dos viajantes/turistas, tudo coabita de forma a constituir-se como recurso/produto turístico. A localização estratégica associada à sua singularidade confere-lhes oportunidades que tal com se afirma no texto “o turismo é capaz de promover desenvolvimento e equidade a nível interno e a ajudar a afirmar o país no quadro internacional, ele será também o motor para políticas e práticas de conservação e gestão a nível ambiental, ou seja permitirá efetivamente contribuir para o desenvolvimento sustentável: conciliação entre as práticas de um turismo com futuro ou de um turismo economicamente sustentável com um ambiente limpo e saudável e uma sociedade equilibrada, rica, diversa e culturalmente genuína.”

*Junho de 2013*

FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO  
NORBERTO PINTO DOS SANTOS